

A **guerra da Síria** ou como também é conhecida, a **guerra civil síria**, que devastou todo o país da Síria e seus vizinhos, é um conflito complexo que envolve **várias nações, grupos rebeldes e organizações terroristas**.

O que começou como um protesto não violento em 2011 rapidamente se transformou em guerra total. Desde o início dos combates, mais de 470.000 pessoas foram mortas, com mais de 1 milhão feridos e milhões mais forçados a fugir de suas casas e viver como refugiados.

A Primavera Árabe foi a faísca que desencadeou a guerra civil?

Embora muitos motivos complicados tenham levado à guerra civil na Síria, um evento, conhecido como Primavera Árabe, se destaca como talvez o gatilho mais significativo para o conflito.

No início de 2011, uma série de protestos políticos e econômicos no Egito e na Tunísia eclodiram. Essas revoltas bem-sucedidas, apelidadas de Primavera Árabe, serviram de inspiração para ativistas pró-democracia na Síria.

No entanto, em março daquele ano, 15 estudantes sírios foram presos e torturados por escrever grafites inspirados na Primavera Árabe. Um dos meninos foi morto.

As prisões provocaram indignação e manifestações em toda a Síria. Os cidadãos exigiram a libertação das crianças restantes, juntamente com maiores liberdades para todas as pessoas no país.

Mas o governo, liderado pelo presidente Bashar al-Assad, respondeu matando e prendendo centenas de manifestantes. Choque e raiva começaram a se espalhar por toda a Síria, e muitos exigiram que Assad se demitisse. Quando ele se recusou, a guerra eclodiu entre seus partidários e seus oponentes.

“O governo sírio deve parar de atirar em manifestantes e permitir protestos pacíficos; libertar presos políticos e impedir detenções injustas; permitir que monitores de direitos humanos tenham acesso a cidades como Dara'a; e iniciar um diálogo sério para promover uma transição democrática”, afirmou o presidente dos EUA, Barack Obama, em um discurso de 2011.

"Caso contrário, o presidente Assad e seu regime continuarão sendo desafiados por dentro e isolados no exterior", disse Obama. Em julho de 2011, os rebeldes sírios formaram o Exército Sírio Livre (FSA), e uma guerra civil era iminente.

A repressão de Assad é apenas um dos vários problemas que assolam a Síria.

Mesmo antes do incidente inspirado na Primavera Árabe, muitos cidadãos sírios estavam insatisfeitos com a incompetência do governo, a falta de liberdade das pessoas e as condições gerais de vida em seu país.

Assad se tornou presidente em 2000 após a morte de seu pai. Vários grupos de direitos humanos acusaram o líder de torturar e matar habitualmente opositores políticos durante a sua presidência.

Uma economia atrasada, alto desemprego, corrupção governamental e uma seca severa foram outras questões que geraram frustração entre as pessoas sob o governo de Assad.

Outro problema era uma atmosfera religiosa tensa no país: a maioria dos sírios são muçulmanos sunitas, mas o governo da Síria é dominado por membros da seita xiita alawita. A tensão entre os dois grupos é um problema permanente em toda a Síria e em outras nações do Oriente Médio.

Um mix diversificado de personagens dificulta a situação.

Desde o início da guerra, a situação na Síria tornou-se muito mais complicada, à medida que outros países e combatentes organizados entraram em cena.

Essencialmente, os principais apoiantes do governo sírio são a Rússia, o Irão e o Hezbollah (um grupo de milícias baseado no Líbano). Os Estados Unidos, a Arábia Saudita, o Catar, a Turquia e outros países ocidentais são descritos como defensores de grupos rebeldes moderados. Muitos grupos rebeldes mais novos surgiram desde o início da guerra.

O conflito em curso também encorajou organizações terroristas, como o ISIS e a al-Qaeda, a participarem do caos. Esses grupos são compostos principalmente por militantes sunitas.

Os rebeldes e as forças de Assad lutaram em batalhas separadas contra o Estado Islâmico, ao mesmo tempo em que travavam guerra entre si. Para complicar ainda mais a dinâmica, os Estados Unidos também lideraram uma campanha de bombardeio internacional contra alvos do ISIS desde 2014.

Em abril de 2017 e 2018, os Estados Unidos lançaram ataques militares contra locais de armas químicas na Síria. O escritório de Assad se manifestou contra os ataques de 2017 e disse em um comunicado: "O que a América fez não passa de um comportamento tolo e irresponsável, que apenas revela sua falta de visão e cegueira política e militar em relação à realidade".

Após o ataque de 2018, o presidente dos EUA, Donald Trump, disse à imprensa: "O objetivo de nossas ações hoje é estabelecer um forte impedimento contra a produção, disseminação e uso de armas químicas. Estabelecer esse impedimento é um interesse vital da segurança nacional dos Estados Unidos". A combinação da resposta americana, britânica e francesa a essas atrocidades integrará todos os instrumentos do nosso poder nacional - militar, econômico e diplomático".

O conflito gerou uma crise humanitária e de refugiados de proporções gigantescas.

Especialistas estimam que 13,1 milhões de sírios precisam de assistência humanitária, como remédios ou alimentos. Quase 3 milhões dessas pessoas vivem em áreas de difícil acesso.

Mais de 5,6 milhões de refugiados fugiram do país e outros 6,1 milhões estão deslocados dentro de Síria. Turquia, Líbano e Jordânia são responsáveis por abrigar os refugiados sírios.

Os sírios caminham entre os escombros dos edifícios destruídos após ataques aéreos das forças do regime na área controlada pelos rebeldes de Douma em 30 de agosto de 2015.

A perspectiva é sombria, com a violência continuando.

Em setembro de 2018, as forças de Assad tinham recuperado o controle da maioria das maiores cidades do país, embora partes do país ainda fossem mantidas por grupos rebeldes e jihadistas e pela aliança SDF, liderada por curdos. A última fortaleza rebelde remanescente era a província do noroeste de Idlib. A presença do ISIS na Síria, entretanto, foi grandemente diminuída.

Desde 2014, as Nações Unidas realizaram nove rodadas de conversações de paz mediadas, conhecidas como o processo de Genebra II. Apesar desta intervenção, pouco progresso foi feito.

Depois que as negociações fracassaram em 2014, o mediador da ONU Lakhdar Brahimi pediu desculpas ao povo sírio em um comunicado, dizendo: "Infelizmente, o governo recusou, o que levanta a suspeita da oposição de que, de fato, o governo não quer discutir o assunto". (corpo administrativo transitório) em tudo ", disse ele.

Tanto o governo sírio quanto os rebeldes não parecem dispostos a concordar com os termos da paz. Se nada mudar, esta área do mundo devastada pela guerra provavelmente será o local de mais violência e instabilidade.